



Venezuela: um outro olhar é possível

Nagib Aouar Claudino¹

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo discorrer sobre um tema que tem sido recorrente nos diversos meios de comunicação mundo afora, em especial na América Latina. Pretende-se trazer aqui um contraponto histórico e crítico sobre o desenrolar da política venezuelana, sua importância na geopolítica latino-americana e mundial, para que seja possível mostrar uma visão diferenciada do que a grande mídia de forma parcial apresenta. Para tanto, foram realizados estudos em uma bibliografia bastante rica e interdisciplinar, que tem como autores diversos profissionais das Ciências Humanas, como historiadores, sociólogos, geógrafos, repórteres e profissionais em Relações Internacionais. Assim, busca-se trazer uma crítica sobre os fatos que, quando analisados de maneira menos superficial, demonstram uma realidade que na maioria das vezes não é apontada pela mídia.

Palavras-chave: Venezuela, Hugo Chávez, Petróleo, Socialismo do Século XXI.

Venezuela: otra mirada es posible

Resumen

El presente trabajo tiene como objetivo discutir sobre un tema que hay sido recurrente en los distintos medios de comunicación en todo el mundo especialmente en América Latina. Se pretende traer aquí un contrapunto histórico y crítico sobre como se desenvuelve la política venezolana, su importancia en la geopolítica latino-americana y del mundo para que sea posible mostrar una visión diferenciada de lo que los grandes mediáticos muestran de forma parcial. Por lo tanto, fueron realizados estudios en una bibliografía bastante rica e interdisciplinar que tiene como autores diversos profesionales en Relaciones Internacionales. Así se busca traer en una visión crítica sobre los hechos que cuando analizados en una mayor profundidad demuestran una realidad que la mayoría de las veces no ha sido rellena por los medios.

Palavras-chave: Venezuela, Hugo Chávez, Petróleo, Socialismo del Siglo XXI.

Venezuela: another look is possible

¹ Bacharel em Ciências Humanas pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM - Campus de Diamantina/MG e graduando em Geografia - Licenciatura Plena pela mesma instituição. Foi bolsista do Programa Institucional de Iniciação à Docência-Pibid, subprojeto Geografia. Tem como objeto de pesquisa e ênfase os seguintes temas: Geografia Política, América Latina, globalização, Educação e Movimentos Sociais.

Summary

This work has the goal to talk about a subject that has been recurrent in plenty medias world-wide, especially in America Latina. It's intended to show the historical and critical counterpoint about the Venezuelan political happenings, it's importance on Latin-American and world politics, to show a different perception from what the big media biased shows. Therefore, it was done studies using a rich and interdisciplinary bibliography, that has as its main authors, human sciences professionals, such as historians, sociologists, geographers, reporters, and international relations professionals. This, it presents critics about the facts the when analyzed in a less superficial way, it reveals a reality that most of the times isn't what the media shows.

Key-words: Venezuela, Hugo Chávez, oil, socialism of the xxi century.

Introdução

A temática acerca desse trabalho se relaciona com a América Latina, mais especificamente com relação à compreensão da Venezuela no contexto do século XX e XXI, com o intuito de trazer uma leitura diferenciada da mídia. Nesse sentido, compartilhamos da seguinte concepção de América Latina:

A nossa concepção de América Latina é que essa é um constructo, geográfico, cultural, político, social, econômico e histórico que evidencia semelhanças e diferenças bastante peculiares nas suas tramas, contradições, resiliências, (des)construções nas suas ilusões e desilusões em seus processos históricos, culturais, nos vazios e buscas. Ser latino americano implica termos a não compreensão de sermos de um mesmo espaço e, ao mesmo tempo, uma profunda consciência se sermos irmanados por um presente e um tempo de todos os tempos, que nos torna andinos, rurais, urbanos, mineiros, humanos, católicos, reacionários, subversivos, resistentes, ricos, empobrecidos. Consideramo-nos latino-americanos por termos um processo histórico semelhante e diverso, por pertencermos a um espaço territorial cultural que delinea, em nosso presente, temporalidades, de transformações, alterações, permanências e continuidades. (ALVES, 2011, p.153)

A mídia possui um papel significativo nas construções de concepções e valores. As notícias publicadas são submetidas a filtros, nos quais os interesses econômicos pautam o viés das abordagens.

Os cinco filtros que permeiam as publicações e as submetem à lógica do mercado podem ser apontados na seguinte sequência: propriedade, propriedade privada dos meios de comunicação; financiamento, a mídia é financiada por grandes empresas através da publicidade; fontes, fontes de informação são geradas por grandes empresas e instituições;

pressão, grandes empresas exercem pressão sobre a mídia através de chantagens veladas, tentando manter a linha editorial de acordo com seus interesses sem se importar com a função social da informação; normativo, o profissional de jornalismo acaba se submetendo à lógica do mercado na busca de conquistar cada vez mais prestígio profissional, o que interfere diretamente na qualidade e confiabilidade das notícias anunciadas. Herman e Chomsky (2003):

Os cinco filtros estreitam a gama de notícias e limitam ainda mais estreitamente o que pode se tornar 'primeira página', sujeito a campanhas continuadas de notícias. Por definição, as notícias de fontes do establishment primário (...) são prontamente acomodadas pela mídia de massa. As mensagens de e sobre dissidentes e pessoas ou grupos fracos, não-organizados, domésticos ou estrangeiros enfrentam uma desvantagem inicial no tocante à busca de fontes e de credibilidade, e frequentemente não concordam com a ideologia ou com os interesses dos guardas dos portões e de outras partes poderosas que influenciam o processo de filtragem das notícias. (HERMAN E CHOMSKY, 2003, p. 90)

Partindo das concepções apontadas anteriormente, sabe-se que, na última década do século XXI, a América Latina se destacou no contexto internacional por uma série de mudanças nos paradigmas econômico e social, com expressiva diminuição da fome e melhoria nos diversos indicadores socioeconômicos de toda região, segundo dados da FAO².

Em todo esse processo de mudança continental, um dos atores que mais tem se destacado na mídia é assim denominado República Bolivariana da Venezuela. Esse destaque, na maioria das vezes, tem se dado de forma pejorativa ou, no mínimo, controversa.

Antes de adentrar na conjuntura política e histórica venezuelana, serão aqui expostos alguns dados para entender a importância da Venezuela no contexto latino-americano e mundial.

A República Bolivariana da Venezuela conta com uma população de 30.620.404 habitantes e uma área de 920.050 Km². Destaca-se no cenário econômico internacional como a maior reserva de petróleo comprovada de todo mundo. A Venezuela faz parte da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP).

Para efeito de comparação e compreensão da potencialidade venezuelana segue um quadro, contendo a lista de alguns dos membros da OPEP e suas respectivas reservas de petróleo.

² Organização das Nações Unidas Para a Alimentação e Agricultura

MEMBROS DA OPEP E RESERVAS POR PAÍÍS	
Países	Reservas em Barris
1ª-Venezuela	298.350.000.000
2ª-Arábia Saudita	265.789.000.000
3ª-Irã	157.800.000.000
4ª-Iraque	144.211.000.000
5ª-Kuwait	101.500.000.000
6ª-Emirados Árabes Unidos	97.800.000.000
7ª-Líbia	48.363.000.000

Fonte: OPEC - Organization of the Petroleum Exporting Countries

Essa liderança como reserva energética mundial também dá um destaque muito importante para o bloco econômico sul-americano denominado MERCOSUL³, que tem como membros Argentina, Brasil, Paraguai, Uruguai e Venezuela.

A Venezuela, como território, já se apresentava como potência energética, porém com a descoberta de grandes reservas de petróleo em território brasileiro, que ficaram conhecidas como o Pré-Sal, o MERCOSUL passou a ter um grau de importância ainda mais elevado dentro do contexto geopolítico mundial. De acordo com a Petrobrás, “[...] só a acumulação de Tupi, na Bacia de Santos, tem volumes recuperáveis estimados entre 5 e 8 bilhões de barris de óleo equivalente (óleo mais gás). Já o poço de Guará, também na Bacia de Santos, tem volumes de 1,1 a 2 bilhões de barris de petróleo leve e gás natural, com densidade em torno de 30° API.” (PETROBRÁS, 2016)

Fazendo uma análise da importância das reservas de petróleo do MERCOSUL e, em especial, da República Bolivariana da Venezuela, dentro do capitalismo mundial, seria ingenuidade pensar que as grandes potências hegemônicas, tendo os Estados Unidos como seu representante maior, não teriam planos próprios para toda essa riqueza natural em solo sul-americano. Nas palavras do geógrafo David Harvey,

Grande parte da política capitalista, sobretudo em nossos dias, procura assegurar que aquilo que Marx chamou de dádivas da natureza esteja facilmente disponível ao capital e garantido para uso futuro. As tensões em torno dessas questões que explodem no interior da política capitalista podem ser bastante agudas. De um lado, a manutenção de um fluxo cada vez maior de petróleo barato foi essencial para a posição geopolítica dos Estados Unidos nos últimos cinquenta ou sessenta anos. Assegurar que as reservas mundiais de petróleo estejam acessíveis à exploração

³Mercado Comum do Sul

levou os Estados Unidos a entrar no conflito no Oriente Médio e em outros lugares[...]. (HARVEY, 2013, p.308)

Essa perspectiva levantada por Harvey permite uma séria interpretação sobre o papel da Venezuela como ator na geopolítica mundial e os enormes desafios dessa nação para a construção de um projeto nacional de desenvolvimento que seja inclusivo e soberano, que atenda aos interesses da população, em detrimento da sede acumulativa do grande capital internacional.

Da ditadura ao aparecimento de Hugo Chávez

Na América Latina, em meados do século XX, no contexto da Guerra Fria, ocorreram golpes e ditaduras cívico-militares, que afluíram desde a América Central até ao extremo Sul do continente. Segundo Maringoni (2009), a ditadura venezuelana caracterizou-se por duas etapas distintas. A primeira começa em 1948 e perdura até 1952, período em que o país foi governado por uma junta militar na qual ainda se gozava de determinadas liberdades como atividades sindicais e políticas.

No começo de 1950, uma parte da elite econômica apoiadora do regime militar começou a pensar num processo de transição deste regime para um regime civil, com novas eleições. Esse processo se dá em um arranjo político entre partidos e Forças Armadas, cuja negociação culmina na indicação do nome do filho de um general chamado Carlos Delgado Chalbaud, que, segundo Maringoni (2009), era casado com uma jovem simpatizante comunista. Chalbaud passou a se destacar e ganhou força em diversos setores da sociedade venezuelana, porém em 13 de novembro do mesmo ano, fatos misteriosos aconteceram e Carlos Delgado Chalbaud foi sequestrado e assassinado. Um suspeito foi preso e também misteriosamente assassinado a caminho da prisão.

Em 30 de novembro de 1952, foi realizada uma eleição para realização de uma nova Assembleia Constituinte, que deu a vitória ao partido União Republicana Democrática (URD). As urnas “(...) dão estrondosa vitória à URD, de Jovito Villalba, pela qual se candidataram todas as figuras de oposição do Copei, de Rafael Caldera, já reconhecido à época, como jurista de destaque. Dois dias após o pleito, o governo decide não reconhecer o resultado das urnas e Pères Jimenez é sagrado presidente.” (MARINGONI, 2009,p.57-58)

Após a chegada de Marcos Pères Jimenez ao poder, Maringoni (2009) relata que se iniciou verdadeiramente a ditadura. Torturas, prisões arbitrárias e perseguições políticas se tornaram uma marca desse governo. Pères Jimenez se aproveitou da boa fase de expansão da

produção de petróleo e iniciou uma reforma urbana na capital venezuelana, Caracas. Como nas diversas ditaduras continente afora, ele começou a fazer uma série de obras de utilidade questionável, ligadas a infraestruturas industriais, siderúrgicas e hidrelétricas. Esse período foi marcado pelo rápido enriquecimento de parte da elite local, principalmente donas de empreiteiras e especuladores imobiliários, o que desencadeou em um forte crescimento econômico, fazendo com que o PIB venezuelano crescesse a 7% ao ano.

Por volta dos anos de 1956 e 1957, o Estado venezuelano começou a sofrer uma crise fiscal devido aos gastos desenfreados realizados na tentativa de melhorar a infraestrutura e aquecer o mercado nacional. Esse momento de crise afetou diversos setores da iniciativa privada, causando um grande descontentamento na burguesia nacional que, outrora, apoiava o regime ditatorial. Nesse período, o Partido Comunista Venezuelano e a União Republicana Democrática, que ainda estavam na clandestinidade, articularam, com outros partidos e parte da burguesia, um movimento antiditatorial que ficou conhecido como Junta Patriótica. A partir daí, o governo Perez Jimenez começou a ficar isolado. No dia 21 de janeiro de 1958, a Junta Patriótica convocou uma greve geral e manifestações de rua, momento em que os manifestantes entraram em confronto com o aparato repressivo do Estado e, após dois dias de distúrbios pelas ruas de Caracas, a Marinha deixou de apoiar a ditadura de Pérez Jimenez, tornando a continuidade do governo insustentável. Em meio à efervescência popular, o governante fugiu para a República Dominicana, findando-se a ditadura de Marcos Pérez Jimenez.

Depois da queda do ditador, assumiu um militar dissidente da administração deposta como governo provisório. Nesse período, partidos políticos já iniciavam alianças e tratados para uma transição de regime. A costura política entre Ação Democrática (AD), Comitê de Organização Política Eleitora Independente (COPEI) e União Republicana Democrática (URD) culminou no Pacto de Punto Fijo, que foi uma aliança realizada a fim de diminuir os conflitos ideológicos e gerar estabilidade para que fosse possível ocorrer a transição para um governo de democracia liberal e alinhado ao governo dos EUA. O Partido Comunista Venezuelano foi deixado de fora das articulações.

Como resultado do Pacto de Punto Fijo, no dia 28 de dezembro de 1958, Romulo Betancourt chegou ao poder por eleição direta. O seu governo foi de 1959 a 1964 e ficou marcado como o primeiro pós-ditadura e também como um período de forte retração econômica, desemprego e piora na qualidade de vida da população venezuelana. Uma marca também do governo Betancourt foi a tentativa de manter a hegemonia do partido Ação Democrática (AD) junto aos sindicatos e movimentos sociais, como forma de isolar a

esquerda, especialmente o Partido Comunista da Venezuela (PCV). Não se pode esquecer que, nesse momento histórico, a Revolução Cubana gozava de bastante popularidade e prestígio, logo, Romulo Betancourt tentava ser um contraponto à esquerda também no campo internacional.

A América Latina vivia sob o impacto da Revolução Cubana. Um agrupamento de guerrilheiros, armados precariamente, provava ser possível derrotar uma ditadura, obtendo o apoio da população Urbana e Rural. Além dessa ação exemplar para a esquerda continental, havia a mudança na geopolítica do continente. Pela primeira vez, os Estados Unidos tinham de deparar com uma administração não apenas hostil a seus desígnios, como viam uma representação de seu maior oponente na arena internacional se estabelecer a cem milhas de seu território. (MARINGONI, 2009,p.63)

Concomitantemente a esses processos políticos que se desenrolavam em todo continente Latino Americano, em 1960, a Venezuela desempenhou um relevante papel no processo de criação da OPEP, evento que foi um marco na história do petróleo local. A formação da entidade contou com a participação decisiva de representantes da Arábia Saudita, Iraque, Irã e Kwait. Em seguida, a Venezuela criou a Corporação Venezuelana de Petróleo (CVP), a primeira estatal a participar diretamente de todo o processo de industrialização e comercialização, além de criar novas leis, passando para o controle estatal a produção de gás e petróleo.

Após essa primeira etapa do Pacto Punto Fijo, os partidos AD e COPEI, em 1968, aprofundaram as negociações e partiram para um novo acordo, decidindo repartir as direções da Câmara dos Deputados, Senado, indicações para o judiciário e as comissões legislativas. Essa divisão seria feita de acordo com o resultado das eleições.

Os dois partidos citados eram partidos bastante populares e mantinham uma influência muito grande sobre as centrais trabalhistas, com maior destaque nesse ponto ao AD, permitindo que eles conseguissem, ao mesmo tempo, controlar os movimentos de massa e neutralizar a esquerda. Outra forma de reforçar o controle sobre a esquerda era reprimir com violência os grupos mais radicais e, ao mesmo tempo, permitir que parte da esquerda menos radical exercesse trabalhos inexpressivos nos sindicatos.

“Enfim, foi criada, na Venezuela, no início dos anos 1960, a mais eficiente democracia de fachada do continente sul-americano. [...] Esta peculiar democracia tratava os opositores com violência semelhante a de ditaduras militares.” (MARINGONI, 2009, p.65)

Em meados do ano de 1973, a Venezuela entrou num ciclo bastante promissor do preço do petróleo, que marcou uma nova fase política e social do país. Nesse ano, a OPEP quadruplicou o preço do petróleo e de 1973 a 1979 ela triplicou mais uma vez. Esse grande

fluxo de riqueza recebido através dos petrodólares perdurou por cerca de uma década. Nesse período, o fluxo de capital foi tão grande que tiveram problemas para fazer com que a economia absorvesse a quantidade de capital.

O presidente da república à época era Carlos Andrés Pérez, que no ano de 1976, através de um complexo jogo político, criou a Petróleos da Venezuela S.A (PDVSA), que é uma estatal subordinada ao Ministério de Minas e Energia. Além da PDVSA, há quinze concessionárias privadas no país, entre elas estão a Exxon, Shell e a Mobil que são de capital estrangeiro, que após a criação da PDVSA passaram a atuar como filiais no negócio.

Com o grande crescimento da estatal, em pouco tempo ela criou autonomia em relação ao poder do Estado, diminuindo suas obrigações fiscais e pouco a pouco foi se submetendo aos interesses das grandes companhias do capital transnacional. Mesmo sendo formalmente estatal, ela já não atendia mais aos interesses nacionais, de acordo com Maringoni (2009), ela passou a ser vista como um Estado dentro do Estado.

A partir da década de 1980, a boa fase do preço do petróleo começou a dar fortes sinais de esgotamento. O preço foi decidido no mercado internacional e dessa forma a volatilidade deixou a Venezuela em situação bastante complexa, haja vista que a maior parte do seu PIB vem do petróleo.

Com a diminuição da demanda por petróleo devido à desaceleração econômica, a OPEP começou a fazer exigências mais rígidas aos seus associados no que se refere ao controle de preços e meta de produção.

No dia 28 de fevereiro de 1983, a crise internacional se aprofundou e a moeda venezuelana se desvalorizou abruptamente. Segundo Maringoni (2009), a cotação do dólar passou de 4,70 para 7 bolívares. Esse processo se deu no governo do presidente Luís Herrera Campíns, do COPEI, que governou de 1979 a 1984.

No ano de 1984, se iniciou o governo do presidente Jaime Lusuinschi, que foi até 1989. Nesse período foi criada a Comissão para Reforma do Estado, porém tal reforma teve pouca eficácia e com a grave crise financeira, desemprego crescente e descontrole fiscal, os pactos políticos começaram também a se desintegrar.

Em dezembro de 1988, Carlos Andrés Pérez foi eleito Presidente da República pela segunda vez. Pérez, que teve em seu primeiro mandato a criação da PDVSA e surfou nas ondas de prosperidade proveniente dos petrodólares, fruto do bom momento da economia mundial, se deparou com outra realidade econômica. A inflação, no ano de 1985, passava dos 40% ao ano e o desemprego já chegava aos dois dígitos. Na população venezuelana, havia uma grande esperança na eleição de Pérez. No imaginário coletivo, tinha-se a imagem do

primeiro mandato dele como um período de bonança e desenvolvimento.

No dia 2 de fevereiro de 1989, Carlos Andrés Pérez tomou posse em meio à onda de otimismo do povo venezuelano, porém poucos dias depois ele anunciou medidas de austeridade que impactaram diretamente a vida do povo venezuelano. Tudo isso já estava negociado com o Fundo Monetário internacional (FMI). Eis alguns dos ajustes feitos, segundo Maringoni (2009):

O objetivo de tudo era a liberação de um empréstimo de US\$ 4,5 bilhões. A contrapartida, concretizada no dia 25, um sábado, era salgada: o pacote incluía desvalorização da moeda nacional, o bolívar, redução de gasto público e do crédito, liberação de preços, congelamento de salários e aumento de gêneros de primeira necessidade. A gasolina sofreria um reajuste imediato de 100%. Isso resultaria, segundo anunciado, numa majoração de 30% nos bilhetes de transporte coletivo. Na prática, esses reajustes chegaram também a 100%. Nada disso havia sido ventilado durante a campanha. (MARINGONI,2009,p.70)

Para se entender esse estelionato eleitoral praticado pelo presidente Pérez, é necessário compreender o processo que estava em curso em toda a América Latina neste período. Segundo Bresser Pereira (1990), a década de 1980 foi um momento de forte crise financeira em todo continente, havia uma mudança de paradigma teórico e a criação do chamado Consenso de Washington. Essa perspectiva econômica tinha em seu arcabouço teórico forte viés da nova direita, neoliberal, sendo fortemente influenciada pelos teóricos liberais da escola austríaca como Ludwig Von Mises, Frederich August von Hayek e famosos monetaristas do grande capital estadunidense como Milton Friedman, Edmund Phelps e outros. Tal abordagem neoliberal trazia um diagnóstico dos problemas econômicos latino-americanos. De acordo com o Consenso de Washington, a raiz dos problemas do continente estava justamente no tamanho do aparato estatal e sua influência nos diversos setores dentro da economia, como por exemplo, a incapacidade do Estado em manter sob controle as demandas salariais tanto do setor público quanto do privado.

O receituário para os males da economia latina vinda de Washington era estabilizar a economia através de ajuste fiscal e adotar medidas para que o mercado fosse liberalizado sem interferências do Estado, ou seja, basicamente a ideia de diminuir ao máximo o tamanho do Estado. Essa visão trazia em seu bojo a privatização de estatais, redução de financiamentos das empresas nacionais e retirada de subsídios que beneficiavam empresas e consumidores nacionais. Esse receituário acabou por aprofundar a crise em diversos países da América Latina no final dos anos 1980, como demonstrado no quadro abaixo.

AMÉRICA LATINA: PIP PER CAPITA E INFLAÇÃO NOS ANOS 80				
	PIB 1985/89	PIB 1989	INFLAÇÃO 1985/89	INFLAÇÃO 1989
Argentina	-2,2	-6,1	468,7	4.928,6
Brasil	2,4	1,5	489,4	2.337,6
Bolívia	-1,9	-0,4	192,8	16,6
Chile	4,0	7,6	19,8	21,4
Colômbia	2,6	1,4	24,5	26,1
México	0,7	-1,4	73,8	19,7
Peru	-2,8	-13,1	443,2	2.775,3
Venezuela	-1,2	-10,4	32,5	81,0

Fonte: Fonte: Cepal, apud: Bresser Pereira. L. C.

Através dos dados apresentados, percebe-se o contexto da crise que assolava a Venezuela, com uma inflação que chegava a mais de 80% em 1989, isso tudo num contexto de insatisfação popular e sentimento de estelionato eleitoral. Apenas dois dias após as medidas adotadas pelo presidente Carlos Andrés Pérez, as manifestações populares começaram a se multiplicar por toda região metropolitana de Caracas e também em diversas cidades país afora. Estudantes e trabalhadores tomaram todas as principais vias da capital, fizeram barricadas, botaram fogo em ônibus e não demorou para a polícia tentar reprimir as manifestações. Entretanto, a repressão fez o caos aumentar e lojas começaram a ser saqueadas e o caos se espalhou de maneira avassaladora. Durante a madrugada desse dia, devido à proporção dos acontecimentos, o exército venezuelano saiu nas ruas para tentar controlar a situação e, mesmo assim, os saques e incêndios não pararam.

No dia seguinte ao caos, o Presidente Pérez fez um pronunciamento em cadeia nacional de rádio e televisão, anunciando a suspensão da Constituição e um toque de recolher. Após esse momento, o aparato de repressão estatal iniciou um processo de violência sem precedentes, principalmente nas regiões mais pobres de Caracas. Essa insurgência popular ficou historicamente conhecida como Caracazo, que durou cerca de cinco dias e deixou um saldo de 1.500 mortos, desses em sua maior parte moradores da periferia, relata Maringoni (2009).

O Caracazo foi um dos movimentos populares mais duramente sufocados na história da América Latina. A região metropolitana de Caracas tem 5,1 milhões de habitantes; desses a maioria reside em cerros (morros) que cercam a parte baixa da

cidade. Algo como o Rio de Janeiro, onde os moradores das favelas ficam nos morros e veem a cidade de cima, mas não tem acesso à maioria de seus serviços e encantos. Foi de cima desses morros que, em 27 de fevereiro de 1989, desceu a revolta contra o pacote econômico do novo governo de Andrés Pérez. (ROVAI, 2007,p.21)

Após sufocar as manifestações, nos dois anos seguintes, o presidente aprofundou o país no contexto neoliberal, dando autonomia aos bancos e privatizando companhias telefônicas, aeroportos, portos e ainda abriu a indústria petrolífera ao capital privado.

De meados do ano de 1990 a março de 1991, o PIB da Venezuela teve uma melhora substancial devido ao ataque estadunidense ao Iraque e também à crise no Golfo Pérsico. Esses locais citados eram regiões também produtoras de petróleo.

Nesse período, a Venezuela intensificou suas exportações, porém essa época de bonança durou pouco e logo a OPEP regulou novamente a produção.

A situação econômica do povo venezuelano estava em frangalhos. A parcela da população que vivia abaixo da linha da pobreza saltou de 15% da população para 45%, em apenas dois anos. Somado a isso, diversas denúncias de corrupção começaram a surgir, a insatisfação aumentou e desencadeou em manifestações populares contra a deterioração da qualidade de vida. Em novembro de 1991, manifestantes entraram em confronto com a polícia e a manifestação resultou na morte de vinte pessoas.

Nesse clima de deterioração social e violência, no início de 1992, oficiais do exército venezuelano promoveram uma rebelião em diversos quartéis sob o comando de um tenente-coronel pára-quedista chamado Hugo Rafael Chávez Frias⁴.

Os militares cercaram a residência presidencial e vários pontos estratégicos para o governo, como por exemplo, o aeroporto Simon Bolívar. O presidente Andrés Pérez estava fora do país e a emboscada estava armada para efetuar sua prisão na chegada ao país, porém de alguma forma os planos vazaram e a insurreição fracassou.

Ninguém sabe ao certo como o elemento surpresa foi perdido. Fala-se em traição. O certo é que no dia 3 de fevereiro de 1992, às 11 horas da manhã, na cidade de Maracaibo, a 700 quilômetros de Caracas, o ministro da defesa, general-de-divisão do Exército, Fernando Ochoa Antich, foi informado de deslocamento de tropas pouco usuais acontecendo em Caracas. O general voltou imediatamente à capital, onde chegou às 15 horas. Carlos Andrés Pérez estava no exterior e chegaria ao aeroporto Simon Bolívar, em Maiquetía, dali a duas horas. Ochoa Antich conseguiu perceber e desmontar o principal estratagema concebido pelo que, logo tomou

⁴ Hugo Chávez realizó los estudios primarios y secundarios en Sabaneta y los superiores en la Academia Militar de Venezuela, donde obtuvo el grado de subteniente en 1975. Se licenció también en Ciencias y Artes Militares, rama Ingeniería, mención Terrestre. Ocupó diversos cargos en las Fuerzas Armadas de Venezuela, el último de los cuales sería el de comandante del Batallón de Paracaidistas Coronel Antonio Nicolás Briceño (1991-1992).

ciência, se conformava como uma sublevação militar: a detenção do presidente da República no ato de sua chegada ao país. (MARINGONI, 2009, p.93)

Após conseguir retornar ao país, por volta de uma hora da madrugada, o presidente Andrés Péres fez um pronunciamento na TV, denunciando a tentativa de tomada de poder. Ele acusava os militares insurgentes de serem golpistas delinquentes que queriam a volta da ditadura ao país. Devido à fragilidade do plano, falta de meios de comunicação para informar a sociedade e percebendo que a continuidade do conflito seria um suicídio, Hugo Chávez decidiu se render, porém, antes de se render, pediu para fazer um breve pronunciamento à nação. Após horas de negociação, ele conseguiu fazer um breve discurso. Essas foram as palavras de Chávez:

Antes de mais nada, quero dar um bom dia a todo povo da Venezuela. Esta mensagem bolivariana é dirigida aos valentes soldados que se encontram no regimento de pára-quedistas de Aráguia e na brigada blindada de Valência. Companheiros: lamentavelmente, por enquanto, os objetivos que nos colocamos não foram atingidos na capital. Quer dizer, nós, aqui em Caracas, não conseguimos controlar o poder. Vocês agiram muito bem, porém já é hora de refletir, virão novas situações e o país tem de tomar um rumo definitivo a um destino melhor. Assim que ouçam minhas palavras, ouçam o comandante Chávez, que lhes lança esta oportunidade para que, por favor, reflitam e deponham as armas, porque, em verdade, os objetivos que traçamos em nível nacional são impossíveis de ser alcançados. Companheiros, ouçam essa mensagem solidária. Agradeço sua lealdade, agradeço sua valentia, seu desprendimento e eu, diante do país e de vocês, assumo a responsabilidade desse movimento militar bolivariano. Muito Obrigado. (MARINGONI, 2009, p.95-96)

Segundo a cientista política Marta Harnecker, essa fala de Chávez teve um grande impacto simbólico no tecido social venezuelano. Podemos produzir novas reflexões principalmente quando refletimos que num país em que a credibilidade dos atores políticos já era desgastada, a sensação de estelionato eleitoral provocada pela austeridade fiscal promovida por Andrés Pérez logo após as eleições, agravava ainda mais o quadro. A fala de Harnecker elucidava esse momento histórico.

[...] à fracassada intentona armada de 1992, quando reconhece na Cadeia Nacional da TV a sua responsabilidade perante os factos, num país onde nenhum político era capaz deste tipo de gestos. Na altura reconhece a sua responsabilidade e lança a sua famosa frase: “Por agora!”, clara mensagem ao seu povo de que não tinha renunciado a continuar na luta. (...) Este gesto permitiu-lhe construir uma opinião pública favorável à sua pessoa e ao projecto que encarnava, num país onde o cepticismo pela política e pelos políticos era dominante em amplos sectores da sociedade, entre os quais as camadas médias. (HARNECKER, 2003, p.4)

Para efeito de esclarecimento, no texto do historiador Gilberto Maringoni, na tradução da fala de Chávez ele usa a expressão “por enquanto”, já Mariana Harnecker usa a expressão “por agora”, ambas tem praticamente o mesmo significado. Acredito que essa diferença nas expressões tenha se dado no processo de tradução, lembrando que Maringoni é brasileiro e Harnecker é chilena. Ambos os textos foram traduzidos para o português.

Após essa aparição repentina de Hugo Chávez e sua expressiva fala ao povo venezuelano, ele vai para prisão, onde permanece até meados de 1995. O simbolismo da fala do Coronel Chávez foi tão significativo que, segundo pesquisas realizadas apenas 4 meses após a sua prisão, cerca de 64,7% dos venezuelanos consideravam Chávez alguém confiável para dirigir o país, conforme Maringoni (2009). Em 1993, após as constantes manifestações populares e vários processos por corrupção, o então presidente Andrés Pérez sofreu impeachment e o presidente do Congresso Nacional assumiu interinamente.

A chegada de Hugo Chávez ao poder

No final do ano de 1993, foi convocada uma nova eleição na qual Rafael Caldeira foi eleito com 30,46% dos votos. Essas eleições ficaram marcadas pela grande abstenção dos venezuelanos no comparecimento às urnas. Nas eleições de 1988, houve uma abstenção de 18% do eleitorado. Já em 1993, essa abstenção mais que dobrou, chegando a 38,84% do eleitorado, segundo Maringoni (2009). Os dados eleitorais demonstram que a grande insatisfação e descrença na política e nos partidos eram crescentes. Nas palavras do cientista político venezuelano Edgardo Lander:

Um discurso antipolítica e antipartidos disseminou-se pela mídia, estabelecendo uma oposição maniqueísta entre o Estado (caracterizado como corrupto, ineficiente e clientelista) e uma mítica sociedade civil (que incluía a mídia), entendida como uma síntese de todas as virtudes: criativa, cheia de iniciativas, eficaz, honesta e participativa. (...) As organizações sociais e políticas – partidos e sindicatos -, que, nas décadas anteriores, serviram de canal de expressão para demandas populares, não somente estavam em crise, mas tendiam a ser consideradas, pelo novo discurso, como ilegítimas. (LANDER, 2003, p.6)

Em meio a esse panorama político descrito, no ano de 1994, o presidente Rafael Caldera decidiu conceder anistia política aos militares que participaram das insurgências do ano de 1992. Dentre os anistiados estava Hugo Chávez, que nesse período ainda não se interessava em ter uma participação política direta. Chávez se negava a participar nos moldes institucionais existentes, sua pauta política era a dissolução do congresso e convocação de uma nova Assembleia Constituinte com ampla participação popular.

Além de problemas de ordem política, a Venezuela passava por uma forte crise financeira no ano de 1994. O Estado concedeu ajuda financeira a vários bancos, gastando nesse processo 12% do PIB nacional. Mesmo assim, a insegurança econômica afugentou vários investidores que acabaram dando prejuízo a milhares de correntistas e, para piorar a situação, o governo desvalorizou a moeda venezuelana e também iniciou um controle cambial sistemático para tentar conter a fuga de capitais. O custo de vida aumentou 70,8% e a inflação chegou a 103% ao ano em 1995, de acordo com Maringoni (2009).

As crises comuns ao sistema capitalista trazem enormes custos sociais e humanitários. A racionalidade econômica capitalista não traz em sua perspectiva o respeito à qualidade da vida humana, mas sim coloca a vida humana à mercê da lógica do acúmulo de capital. Segundo David Harvey:

(...) Como não há outras forças compensatórias em ação dentro da anarquia competitiva do sistema econômico capitalista, as crises possuem uma função importante: elas impõem algum tipo de ordem e racionalidade no desenvolvimento econômico capitalista. Isso não quer dizer que as crises sejam ordenadas ou lógicas; de fato, as crises criam as condições que forçam a algum tipo de racionalização arbitrária no sistema capitalista. Essa racionalização apresenta um custo social e provoca trágicas consequências humanas na forma de falência, colapsos financeiros, desvalorização forçada de ativos fixos e poupanças pessoais, inflação, concentração crescente de poder econômico e político em poucas mãos, queda dos salários reais e desemprego. (HARVEY, 2005, p.44-45)

Em 1996, o governo, tentando conter a crise, apresentou ao povo venezuelano um pacote de medidas chamado Agenda Venezuelana. Essas medidas nada mais eram do que os velhos ajustes neoliberais: arrocho salarial, privatizações, alta nos preços da gasolina, desmantelamento dos serviços públicos, etc. Um dos maiores exemplos desse processo foi o caso da PDVSA.

O governo implementou a política de abertura petroleira, que desobedecia às cotas de produção estabelecidas pela OPEP, causando a médio prazo o desligamento da Venezuela da organização. Essa situação beneficiava diretamente os EUA que, aproveitando de uma maior produção e do baixo preço do petróleo nesse período, teria acesso abundante a esse recurso natural, de acordo com Maringoni (2009).

Na gestão de Rafael Caldera, a PDVSA atingiu o seu grau máximo de independência em relação ao Estado venezuelano.

A prática de afastamento da empresa das decisões de Estado vinha de anos. Até mesmo um pedido de informação de Jaime Lusincha, Presidente da República, em 1986, foi negado, sobre a alegação de sigilo. Em 1994, o jornalista José Vicente Rangel, mais tarde vice-presidente de Chávez, chegou a declarar: 'Na Venezuela acabou o sigilo militar e o bancário. Só permanecem o de confissão e o da PDVSA'. Em meados da década de 1990, o pagamento de *royalties* ao Estado, definidos em 16,6% na legislação de 1943, foi reduzido para 1% e cogitava-se eliminar totalmente esse repasse. (MARINGONI, 2009, p.107)

Diante desse panorama político e econômico descrito, o governo Caldera perdeu legitimidade. Nesse processo de descredibilização da política tradicional, nasceu a possibilidade de surgimento de novas forças políticas que doravante criou as condições da chegada de Hugo Chávez ao poder.

Ainda em 1996, Chávez começou a pensar numa possível disputa eleitoral dentro da

institucionalidade. Ele tinha uma popularidade crescente e já iniciava um processo de construção política entre várias organizações sindicais, militares e movimentos sociais, até efetivar a criação do Movimento Quinta República (MVR). Essa nomenclatura tinha duas explicações. A primeira é que a Venezuela em todo seu processo histórico e político já teve quatro repúblicas e esse nome trazia em seu bojo a mais pura expressão do novo, literalmente a fundação de uma nova república. Outra explicação para a escolha da sigla MVB é que a legislação eleitoral não aceitava que partidos ou organizações se apropriassem de símbolos considerados nacionais como é o caso da figura de Simon Bolívar, então, eles não poderiam utilizar o nome Movimento Bolivariano Revolucionário (MBR), que ficou famoso através da insurgência dos militares no governo de Andrés Pérez.

Os movimentos revolucionários usaram uma tática de perspicácia admirável na construção do nome do partido, utilizando de um trocadilho. No idioma castelhano a pronúncia das letras B e V é praticamente idêntica, então, a troca da sigla (MBR) por (MVR) tem a mesma fonética, fazendo com que o trocadilho desse certo e o partido fosse registrado, de acordo com Maringoni (2009).

Com a proximidade das eleições presidenciais de 1998, era notória a vantagem de Chávez sobre seus opositores, já que o seu discurso contra a política tradicional havia ganhado muita força nos últimos anos.

O partido COPEI de oposição a Chávez, temendo uma quase evidente derrota, resolveu apoiar a ex-prefeita de um dos municípios mais ricos da grande Caracas, o município de Chacao.

A candidata era a ex-Miss Universo Irene Sáez, que por ser proveniente de um município muito abastado, tentavam criar em torno do seu nome uma visão de eficiências administrativas.

No início do ano eleitoral, a ex-Miss tinha uma preferência eleitoral de 22% da população, porém, pouco tempo depois, passou a euforia em torno do nome dela e a candidata caiu para 2% das intenções de voto. Existiam ainda como candidatos, Henrique Salas Romer do Partido Conservador Projeto da Venezuela e Luis Alfaro Uceró, que iniciou a candidatura no Partido Ação Democrática, sendo o mesmo abandonado pelo partido no meio do pleito.

No dia 6 de dezembro de 1998, Hugo Chávez venceu as eleições presidenciais da Venezuela com uma margem histórica de vantagem em relação aos seus opositores. Chávez obteve 56,2% dos votos válidos, contra, 32,97% de Henrique Salas Romer, 2,82% da Ex-Miss e 0,42% de Luis Alfaro Uceró. A partir dessa eleição histórica e posterior tomada de posse inicia-se a era Chávez na Venezuela.

Maringoni (2009) faz uma análise bastante interessante sobre a vitória eleitoral de Chávez:

Chávez não foi eleito no bojo de um crescimento vigoroso dos movimentos de massa, mas foi caudatário de uma formidável e espontânea onda de descontentamento e rebelião. Há diferenças fundamentais entre os dois processos. O primeiro deles é que a base de apoio social de Chávez apresenta um grau de instabilidade grande, que só se solidificou à medida que seu governo avançou. (...) uma das tarefas do governo eleito tem sido a de construir, a partir do aparelho de Estado, um movimento organizado e arraigado entre a população. E, na prática, Chávez não lidera um partido orgânico e disciplinado, mas uma federação de interesses locais e eleitorais. No fundo, o novo presidente, que se batera por tantos anos contra a participação em eleições, crescera na esteira antipolítica e da aversão popular aos partidos (MARINGONI, 2009,p.112)

Governo Chávez, principais mudanças e guerrilha midiática

No dia 11 de dezembro de 1998, Hugo Chávez foi proclamado Presidente da República. Na cerimônia de posse, ele cumpriu uma de suas promessas de campanha, assinando um decreto para realização de um plebiscito sobre a convocação de uma Assembleia Constituinte.

Menos de um ano depois da posse, Hugo Chávez aprovou a Nova Constituição construída com amplo apoio popular via referendo. A nova Constituição teve 71% de aprovação em meio à sociedade venezuelana. O sociólogo Edgardo Lander resume de forma bastante efetiva a Constituição de 1999.

Pela primeira vez reconhecem-se os direitos dos indígenas, saldando uma velha dívida da sociedade venezuelana em incluir estes povos e outorgar-lhes a dignidade da plena cidadania. Reconhecem-se também os direitos ambientais e amplia-se o conjunto de direitos sociais. Assentam-se as bases do poder judiciário e se reorganizam os poderes públicos para incorporar o Poder Cidadão, integrado pela procuradoria e pela nova figura da defensoria do povo. Inauguram-se formas participativas de exercício da democracia, com a incorporação ao texto constitucional de diversas modalidades de referendo. (LANDER, 2002)

No plano econômico, o início do governo Chávez foi bastante conturbado. O país vivia uma recessão de mais de 7%, devido ao baixo preço do barril de petróleo na época. A primeira atuação do governo na economia foi organizar em Caracas a II Cúpula de Chefes de Estado e de Governo de Países Membros da OPEP.

Essa reunião foi uma tentativa de recompor o preço do petróleo, através da chamada política de cotas. O preço do petróleo em 1999 chegou a um dos patamares mais baixos da história, cerca de US\$ 8,84 o barril. Na reunião, a Venezuela propôs uma banda de preços entre US\$ 22 e US\$ 28 o barril. A reunião foi satisfatória e a Organização reconquistou boa parte do prestígio político que havia perdido, de acordo com Maringoni (2009).

A segunda providência do governo referente à economia mexeu diretamente nos interesses da elite venezuelana. Chávez, munido de poderes a ele concedidos pelo povo na nova constituinte, interveio em vários setores da economia. Ele modificou 49 leis, dentre elas, as que mais despertaram a revolta da elite foram: a Lei de Terras e Desenvolvimento Agrário, que expropriaria terras ociosas e que não apresentassem documentação de propriedade satisfatória; a Lei da Pesca, que protegeria a pesca artesanal da exploração predatória da pesca industrial, lembrando que a Venezuela é um país pesqueiro, e a Lei de Hidrocarbonetos, que diminuía a autonomia da PDVSA e aumentava o repasse de Royalties ao Estado. Essas medidas tomadas pelo governo Chávez causaram forte impacto na sociedade venezuelana, ao mesmo tempo em que aumentavam a ira das grandes elites locais e internacionais. O apoio popular era notório, principalmente das camadas mais baixas da sociedade, que eram a maior parte da população. As elites continuavam a dominar o processo produtivo do país, porém agora com muito menos força e poder.

O descontentamento dos poderosos com o governo Chávez se traduzia em uma campanha midiática que se tornou uma verdadeira guerrilha, mostrando seu lado mais perverso quando houve um golpe contra o governo no ano de 2002.

O golpe de Estado, ocorrido em abril de 2002, foi promovido pelos setores opositores a Chávez, que utilizaram os meios de comunicação para incitar protestos e manipular reportagens. Após um confronto entre opositores e governistas, no qual 19 pessoas morreram baleadas por atiradores, as redes de televisão diziam que bolivarianos estavam atirando em civis, o que alguns meses depois ficou provado ser uma manipulação. Em meio ao caos instalado nas ruas de Caracas e sob ameaça de bombardeio ao palácio Miraflores, Chávez foi deposto ficando por 48 horas fora do cargo.

Analisando a mídia, percebemos que, na maioria dos países, as empresas midiáticas formam verdadeiros oligopólios, principalmente na América Latina, uma mistura de entretenimento, informação, domínio de centenas de afiliadas, relação com políticos poderosos e notório domínio da informação consumida pela maioria da população.

Essa perspectiva aqui descrita ocorre em vários lugares, porém quando se trata da Venezuela esse midiático poder chega a um patamar de total comprometimento do funcionamento democrático.

As comunicações na Venezuela são historicamente dominadas pela família Cisneros, que é detentora de grande poder político financeiro em todo continente latino americano. Uma das principais ostentações do principal herdeiro da família Cisneros, Gustavo Cisneros, é de

ser amigo íntimo do então presidente dos EUA, George W. Bush, na maior parte do governo Chávez.

Dentre as diversas atividades que a família Cisneros possui grande influência em todo continente, podemos notar, nas palavras de ROVAI (2007), o verdadeiro império que eles controlam.

(...) “Só queremos atingir o Céu”, disse Gustavo, ao comprar por US\$ 114 milhões a Imagem Satelital, maior empresa de telecomunicações do Cone Sul, em 1997. Gustavo Cisneros é a segunda maior fortuna da América Latina, depois de Carlos Slim, o bilionário presidente da Teléfonos de México. Cisneros está em 114º lugar entre os 500 mais ricos listado pela revista *Forbes*, em 2006, com US\$ 5,3 bilhões, e tem influência e negócios para além da Venezuela. Até por isso, pôde liderar sem grandes problemas um apagão econômico no país, que durou quase dois meses. Tinha em meados de 2007, cerca de 70 empresas, estabelecidas em 40 países, empregando aproximadamente 37 mil pessoas. A organização Cisneros é acionista majoritária da Univisión, uma rede de televisão em língua espanhola que possui 18 estações nos EUA e tem a maior audiência entre a comunidade latina do país. Em 1998, aliou-se à América Online com o objetivo de dominar os serviços de internet da América Latina. Esta ambiciosa combinação internet e televisão em nível continental e regional garante ao grupo uma extraordinária influência na vida cotidiana de, aproximadamente, 500 milhões de latino-americanos. Além da Univisión, Venevisión, Radiovisión, e Direct TV Latin América (144 canais que são vistos em 100 milhões de residências), o grupo tinha, quando do golpe de 11 de abril de 2002, participação acionária na Chilevisión e na rádio Iarc – Ibero American Radio Chile (ambas do Chile), na Caracol Televisão (da Colômbia) e na Caribbean Communications Network. Os Cisneros ainda são donos do maior time de beisebol da Venezuela, Los Leones. O Beisebol é o principal esporte do país e Los Leones têm proporcionalmente mais torcedores do que o Flamengo no Brasil. Associados à Hicks Muse e à Tate & Furst, os Cisneros participam da aliança ibero-americana de investimentos Iamp – Ibero American MediaPartners, que nasceu em 1997, com capital de US\$ 500 milhões, para comprar negócios de comunicação na América Latina, na Espanha e em Portugal. À época do golpe, as redes dos Cisneros produziam e distribuíaam mais de 19 mil horas de programas por ano, em espanhol e em português, para 40 milhões de lares em 21 países, em três continentes. (...) Começaram representando a Pepsi na Colômbia, mas, numa jogada polêmica, mudaram, da noite para o dia, para Coca-Cola. Os Cisneros são donos da Panamco, a maior engarrafadora da Coca-Cola fora dos Estados Unidos, e ainda possuem franquias de Burger King e Pizza Hut, além de representarem a Apple, a Motorola e a Blockbuster na América Latina. (ROVAI, 2007, p.25-27)

A relação belicosa entre a mídia e Chávez se iniciou ainda na disputa eleitoral. Era do cotidiano propagandas extremamente agressivas contra o então candidato, como por exemplo, uma propaganda em plena campanha eleitoral que mostrava a imagem de uma cabeça humana sendo cortada e jogada numa frigideira com óleo muito quente e ao fundo uma voz anunciando que se Chávez ganhasse, muita gente iria perder a cabeça, segundo ROVAI (2007).

Em 2002, antes do golpe perpetrado contra Chávez, a mídia venezuelana foi fundamental no processo de incitação a protestos antagônicos ao governo, adotando uma linha editorial que tentava estimular uma marcha em direção ao palácio Miraflores, numa clara tentati-

va de golpe ao governo. As emissoras RCTV, Venevisión e Globovisión transmitiram as manifestações ao vivo por aproximadamente quatro horas, sem fazer chamada comercial.

A mídia venezuelana chegou a patamares extremos de fraude e golpismo, como no episódio em que na frente de uma universidade apareceu um repórter em meio a uma fumaça negra, relatando que ali havia grande mobilização estudantil contra o governo, quando na realidade era algo forjado, era na verdade um grupo de 15 a 20 jovens com um pneu de caminhão em chamas logo atrás. Nesse episódio, uma câmara ao lado gravou abertamente a cena e desmascarou a armação, de acordo com Rovai (2007).

O então presidente Hugo Chávez também passou a usar a mídia para tentar se defender e mostrar seus pontos de vista. O programa se chamava Alô Presidente, um programa dominical em que ele se comunicava com os cidadãos venezuelanos por telefone. Foi justamente em um desses programas que ele demitiu a diretoria executiva da PDVSA ao vivo, sendo esse um dos estopins para a escalada golpista da oposição, pois a PDVSA era responsável pela maior fatia do PIB do país.

No dia do golpe que o retirou do poder, quem ficou em seu lugar foi Pedro Carmona, então presidente da Fedecámaras, que é a maior entidade empresarial do país. Foi um golpe que unia toda a elite venezuelana, terrivelmente contrariada com as medidas populares de Chávez, mas, principalmente e colocado como pano de fundo, o golpe teve forte apoio e participação externa, ficando mais do que claro que as mudanças que o presidente Bolivariano representava traziam uma grande ameaça para a estratégia geopolítica dos EUA, que eram um dos maiores consumidores do petróleo da Venezuela. Os EUA, poucas horas após os golpistas tomarem o poder, reconheceram o governo como legítimo.

Um dos primeiros países a se posicionar foram os EUA. O então porta-voz da Casa Branca, Ari Fleischer, cravou em nome de seu presidente, George W. Bush: “Os detalhes ainda não estão claros, mas sabemos que ações encorajadas pelo presidente Chávez provocaram a crise.” Naquela sexta feira as ações subiram em média 10,42%. Os investidores deliciavam com os lucros e com o anúncio do Fundo Monetário Internacional (FMI), que oferecia apoio total ao governo (seja lá o que isso quiser dizer) e de Wall Street, de onde vinha a seguinte declaração oficial: “A partir de agora, vemos renovadas as esperanças de uma reestruturação na fraca e dependente economia venezuelana. (ROVAI, 2007,p.47-48)

Chávez retornou ao poder, após milhares de pessoas, principalmente dos bairros pobres, saírem às ruas em direção ao palácio Miraflores, pedindo a sua presença, já que a mídia anunciara sua renúncia, porém em momento algum Chávez apareceu para fazer nenhum comunicado. Com o apoio popular, o exército resolveu intervir, soltando Chávez que estava preso.

Após voltar ao poder com forte apoio popular, Chávez iniciou as chamadas missões sociais, como a Missão Bairro Adentro, que buscou fixar um médico e um ambulatório em cada comunidade. Para tanto, o governo venezuelano contou com forte apoio de Cuba, recebendo mais de 20 mil médicos cubanos, recebendo também apoio na área de educação e esportes (Maringoni, 2009).

Além das missões, o governo venezuelano iniciou programas sociais, como venda de cestas básicas com preços subsidiados, muitas vezes com metade do preço de mercado, plano educacional contra o analfabetismo, abertura de micro crédito para pequenas cooperativas. O dinheiro utilizado para custear os programas sociais vinha do petróleo, pois após a nacionalização da PDVSA, o dinheiro do petróleo passou a ficar nas mãos do Estado.

É inegável a melhoria das condições sociais da maior parte da população venezuelana no período Chávez. Esse processo histórico ainda inconcluso pode ser analisado de vários pontos de vista. Nas próximas linhas, tentaremos trazer um pouco da visão do Socialismo do século XXI, que é ainda uma perspectiva bastante nova.

O socialismo do século XXI

A primeira vez que se ouviu a expressão Socialismo do Século XXI foi em território brasileiro, no ano de 2005, no V Fórum Social Mundial, em Porto Alegre. Em seu discurso, Chávez abordava a expressão de forma difusa, falando de vida digna, solidariedade, justiça, expressões bastante genéricas (Maringoni, 2009).

Em uma conversa com o jornalista chileno Manuel Cabieses, do jornal Punto Final, Chávez relatou mais um pouco de sua ideia sobre o que seria o Socialismo do Século XXI.

Entre los elementos que pudieran definir el Socialismo del siglo XXI, dice el Presidente Chavez, estan los siguientes a) La moral.(...) Debemos recuperar el sentido ético de la vida. Luchar contra los demonios que sembró el capitalismo: individualismo, egoísmo, odio, privilegios. Es un arma en la lucha contra la corrupción, un mal que es propio del capitalismo. El socialismo debe defender la ética, la generosidad. b) La democracia participativa. En el aspecto político uno de los factores determinantes del Socialismo del siglo XXI debe ser la democracia participativa y protagónica. El poder popular. Hay que centrar todo en el pueblo, el partido debe estar subordinado al pueblo. c) Igualdad conjugada con la libertad. En lo social, el Socialismo debe conjugar igualdad con libertad. Una sociedad de incluidos, de iguales, sin privilegios. d) Cooperativismo y asociativismo. En lo económico: un cambio del sistema de funcionamiento metabólico del capital. En Venezuela se han iniciado experimentos como el impulso al cooperativismo, al asociativismo, a la propiedad colectiva, a la banca popular y núcleos de desarrollo endógeno. (CHÁVEZ, 2005.)

Dentro de sua perspectiva de socialismo, Chávez mesclava as mais autênticas correntes do cristianismo, que poderíamos interpretar como algo mais próximo à “Teologia da Li-

bertação”⁵, ao Marxismo e às ideias de Simon Bolívar. Ele também relata o Socialismo do Século XXI com um grande experimento popular (Maringoni, 2009).

Após a queda do Muro de Berlim, no final da década de oitenta e posteriormente à dissolução da União Soviética, percebe-se que a corrente socialista e as esquerdas, no geral, buscaram construir um novo discurso e um novo projeto, numa perspectiva de trocar a burocracia estatal, virando a página das controvérsias do Stalinismo, mas ao mesmo tempo preservando e estimulando o sentimento anticapitalista.

O grupo político do qual Hugo Chávez é originário, o Movimento Revolucionário 200 (MBR-200), tem esse nome porque foi formado no bicentenário de Bolívar, porém este grupo tem fortes antecedentes no grupo guerrilheiro de orientação marxista da década de 60, o grupo (FAN) Força Armada Nacional Venezuelana. O surgimento desses grupos no interior do exército venezuelano fazia parte de uma estratégia do Partido Comunista Venezuelano, porém no momento da insurreição militar, na qual Chávez foi um dos líderes em 1992, e após a sua prisão, houve um afastamento entre os militares e uma mudança em suas perspectivas revolucionárias. Depois da participação do MBR-200, na eleição de 1998, representado na figura do Chávez, foi ocorrendo um afastamento cada vez maior do marxismo clássico (Soares 2014).

Gilberto Maringoni, além de notório historiador, também é membro do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), partido político brasileiro que também trabalha na construção de um novo socialismo, algo diferente do que já foi feito. Assim ele define a experiência socialista da Venezuela

As indefinições do modelo de socialismo pretendido por Hugo Chávez não são um problema apenas dele, mas de praticamente toda esquerda mundial e de todos aqueles que pretendem mudar a sociedade. Na defensiva desde a desagregação da União Soviética, em 1991, e da ascensão do neoliberalismo, as forças que lutam por um modelo alternativo buscam, com extrema dificuldade recobrar a iniciativa na luta política. A contribuição do ex-tenente-coronel tem sido inestimável para esses propósitos. (MARINGONI, 2009, p.175)

Outro ponto de vista que nos traz uma perspectiva bastante significativa da experiência venezuelana é a da professora e cientista social, Eliane Soares, que realizou um trabalho de campo na Venezuela no ano de 2007 para seu projeto de doutoramento,

Do ponto de vista dos protagonistas do processo, a Revolução Bolivariana é inovadora em seu conteúdo e em sua prática, ao propor um novo tipo de socialismo e um novo método de implementação. No que se refere ao método, defende-se a via pacífica, institucional e democrática das mudanças almejadas. Mas, além disso, uma nova forma de fazer-se política a partir do poder do Estado e das práticas de governo.

⁵ Teologia da Libertação: <https://leonardoboff.wordpress.com/2011/08/09/quarenta-anos-da-teologia-da-libertacao/>

Nesse aspecto, se dá ênfase à “*democracia protagônica*”, em lugar da antiga democracia representativa. Esta nova forma de democracia, por sua vez, implicaria não apenas a consulta mais frequente ao povo, por meio de plebiscitos e referendos populares, sobre os assuntos de relevância nacional, e a possibilidade de revogação dos mandatos políticos antes de seu término legal, mas, sobretudo, a concepção de que o poder foi usurpado e deveria ser “devolvido” ao povo, por meio da constituição de um novo tipo de poder, denominado de poder comunal. (SOARES, 2014, p.8)

A partir da constituição de 1999, o Estado Venezuelano tem proporcionado as condições gradativas para a emancipação – termo talvez ainda forte dos movimentos sociais frente ao estado. A essas experiências se dá o nome de conselhos comunais. Os conselhos comunais são organizações populares que se reúnem em Assembleia e definem quais os projetos ou intervenções mais importantes para determinado lugar ou região. Os conselhos são subdivididos em comitês que elaboram projetos de forma coletiva. Assim, buscam superar a democracia representativa e tentam construir uma experiência na qual a comunidade seja protagonista. A geógrafa britânica Doreen Massey, uma das mentoras intelectuais dos conselhos comunais, relatou que um dos maiores desafios é ensinar às pessoas a trabalharem de forma coletiva, aprender as burocracias de fazer uma Assembleia, coisas como atas e documentações exigidas pelo Estado, mas também relatou a esperança depositada na experiência.

Considerações finais

Terminando esse trabalho, chego à conclusão que a experiência venezuelana é extremamente válida no processo de criação de outra perspectiva social. Mesmo sabendo dos imensos desafios e contradições, é impossível não olhar com um certo entusiasmo para a Venezuela.

Não abordamos com profundidade as contradições do período Chávez, pois esse não era o propósito desse trabalho. O título “Venezuela: um outro olhar é possível” foi criado com intuito de trazer para os que se disporem a ler este trabalho um pouco do conhecimento histórico, geopolítico e social, algo para além do senso comum e também para além da mídia, inclusive a brasileira.

Outro aspecto que é importante salientar: os limites impostos para decisão de abordar um tema tão vasto e rico em formato de artigo me obrigam a deixar uma série de curiosidades e aspectos políticos de fora, porém, mostrando os pontos centrais dos processos que me dispus a abordar.

A Venezuela é uma temática tão rica e vasta que oferece materialidade para desdo-

bramentos de trabalho acadêmicos de maior densidade como dissertações e teses. Esse trabalho ofereceu-me uma grande oportunidade para refletir sobre o papel da mídia, os processos geopolíticos em busca do domínio do petróleo e principalmente sobre a desinformação dominante no senso comum brasileiro. Tem sido muito comum surgirem nos diversos círculos sociais fortes críticas à Venezuela e outros países vizinhos da região, como Bolívia e Cuba, porém, após me debruçar sobre a história venezuelana, percebo o quanto são infundadas a maioria das críticas que vemos por aqui.

A revolução bolivariana é fruto de um processo histórico extremamente particular do país. A junção de uma nação cansada da política tradicional, crises deflagradas pelo neoliberalismo, descrença na política, forças armadas com posicionamentos de esquerda foram cruciais para os desdobramentos ocorridos, lembrando que a maior parte da América Latina tem um histórico de subserviência das forças armadas a ideologias conservadoras, podemos pegar como exemplo maior o ocorrido no ano de 1973 ao presidente Socialista Salvador Allende e a brutal ditadura chilena, sendo assim, podemos imaginar que a influência de Chávez foi fundamental para que a Revolução Bolivariana não fosse completamente abafada pelas elites dominantes.

Após a morte de Chávez, em 2013, e tomada de posse do seu então vice-presidente Nicolás Maduro, ocorreram diversos problemas na Venezuela, dentre eles a devastadora queda do preço do petróleo, o que joga o país em uma profunda crise. Aqui nesse trabalho não foi abordado nada do período pós-Chávez, pois acreditamos ser um processo histórico em andamento do qual não dispomos de competência e materialidade para abordar. Qualquer panorama levantado nesse aspecto seria mera especulação, porém, uma coisa podemos afirmar com convicção: independente do que acontecer na Venezuela, mesmo que os Bolivarianos saiam do poder, o período Chávez causou marcas extremamente profundas na sociedade venezuelana e no imaginário latino americano, que até mesmo a sanha desagregadora do neoliberalismo terá dificuldades de apagar.

Referências

ALVES, Tamar Kalil de Campos. **Identidade(s) latino-americana(s) no ensino de História: um estudo em escolas de ensino médio de Belo Horizonte, MG, Brasil.** 2011. 206 f. Tese (Doutorado)-Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

BOFF, Lonardo. **Teologia da Libertação.** Disponível em <https://leonardoboff.wordpress.com/2011/08/09/quarenta-anos-da-teologia-da-libertacao/>. Acessado em 25.fev.2016

BRASIL. Organização das Nações Unidas Para a Alimentação e Agricultura. **AMÉRICA LATINA E CARIBE: PRIMEIRA REGIÃO DO MUNDO QUE ALCANÇOU AS DUAS METAS INTERNACIONAIS DE REDUÇÃO DA FOME.** Disponível em <https://www.fao.org.br/ALCprmadmirf.asp>. Acesso em. 28 fev.2016.

BRASIL. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA-IBGE. Venezuela. IBGE Países. Disponível em http://www.ibge.gov.br/paisesat/main_frameset.php. Acesso em. 28 fev.2016.

BRASIL. **Mercosul.** Disponível em <http://www.mercosul.gov.br/index.php/saiba-mais-sobre-o-mercosul#DADOSGERAIS>. Acesso em. 28 fev.2016.

BRASIL. **Petrobrás.** Disponível em <http://www.petrobras.com/pt/energia-e-tecnologia/fontes-de-energia/pre-sal/>. Acesso em. 28 fev. 2016.

Cepal, apud: Bresser Pereira. L. C. **A crise da América Latina: consenso de Washington ou crise fiscal?** XVIII Encontro Nacional de Economia da Associação Nacional de Centros de Pós-graduação em Economia (ANPEC): Brasília, 1990.

HARVEY, David. **Para Entender o Capital I.** São Paulo: Boitempo, 2013, p.308.

_____. *A Produção Capitalista do Espaço.* Tradução de Carlos Szlak. 2ª ed. São Paulo: Annablume, 2005. p .44-45

HERMAN, Edward, e CHOMSKY, Noam (2003). **A Manipulação do Público.** São Paulo: Futura.

HARNECKER, Mariana. **Venezuela: uma revolução sui generis.** In: Intervenção Seminário de LAC Forum Social Mundial III. 24 Janeiro 2003. p.4.

LANDER, Edgardo. **Venezuelan social conflict in a global context.** Caracas, 2003. P.6.

_____. **Venezuela: un diálogo por la inclusión social y la profundización de la democracia,** Caracas, 2002.

MARINGONI, Gilberto. **A Revolução Venezuelana.** São Paulo: UNESP, 2009.

MASSEY, Doreen. **IV Seminario Atlántico de Pensamiento.** Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=uBWWm-NINow>. Acessado em 14. Jan. 2016.

Organization of the Petroleum Exporting Countries. Disponível em http://www.opec.org/opec_web/en/about_us/171.htm. Acesso em. 28 fev 2016.

ROVAI, Renato. **Midiático Poder, O Caso Venezuela e a Guerrilha Informativa.** São Paulo: Publisher Brasil, 2007.

SOARES, Elaine. **Revolução bolivariana: qual socialismo?.** MARX 2014| Seminário Nacional de Teoria Marxista 2014, p. 8. Disponível em <http://marx2014.seminariomarx.com.br/eixo-1>. Acessado em 20. Dez. 2015.

VENEZUELA, **Bibliografia e Vidas. La Enciclopedia Biográfica em Línea.** Disponível em http://www.biografiasyvidas.com/biografia/c/chavez_hugo.htm. Acesso em. 28 fev.2016

VENEZUELA. **Instituto Nacional de Estadística INE.** Disponível em http://www.ine.gov.ve/index.php?option=com_content&view=category&id=95&Itemid=9. Acesso em. 28 fev.2016.

VENEZUELA. **Conversa com Hugo Chávez.** Disponível em <http://www.aporrea.org/ideologia/a17224.html>. Acessado em 28.fev.2016.